

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十

NOVOS OBJECTOS EGÍPCIOS EM COLECÇÕES PRIVADAS DE PORTUGAL

Por LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

O nosso país continua a enriquecer-se com objectos egípcios que, gradualmente, vão aumentando o número dos que até ao momento estão já identificados (cerca de 1200 objectos entre colecções públicas e privadas). A maior parte deles já foram estudados e publicados, num projecto de investigação do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que data de inícios dos anos 90 do século passado, juntando-se o acervo do Museu Calouste Gulbenkian com um catálogo próprio que data de 1991, mas que será renovado com uma nova edição aumentada que se prevê para 2006, e que, pela primeira vez, incluirá também as peças que se encontram nas reservas.

Entretanto surgiram recentemente mais peças evocativas da antiguidade egípcia em várias colecções particulares:

Dois novos objectos da colecção Miguel Barbosa

No número duplo da revista *Cadmo* 8/9 (pp. 69-106), de 1998-1999, divulgámos os 47 objectos egípcios da colecção Miguel Barbosa, o maior acervo egípcio particular do nosso país. Depois de efectuado e publicado esse estudo, o coleccionador adquiriu mais dois objectos que agora aqui se acrescentam à lista anterior:

48 – Peixe oxirinco de bronze

49 – Estatueta funerária de Djedtotiuefankh

Descrição dos objectos:

48 – Peixe oxirinco

Estatueta de bronze muito danificada, representando o peixe oxirinco (signo K4 da lista de A. Gardiner). Trata-se do *Mormyrus kannume*, uma espécie abundante no rio Nilo, e que foi sacralizada devido ao mito onde o peixe oxirinco engole o falo de Osíris, transformando-se assim num reliquário do divino apêndice sexual. Essa sacralização atesta-se pela simbologia que habitualmente o peixe exibia sobre a cabeça, um disco solar entre dois cornos liriformes, tendo à frente uma serpente sagrada. Este típico adorno está presente na estatueta embora muito erodido e de difícil percepção. Falta já a cauda do paixe e a base original.

Dimensões: Comp.: 10,8 cm; Alt.: 5,6 cm

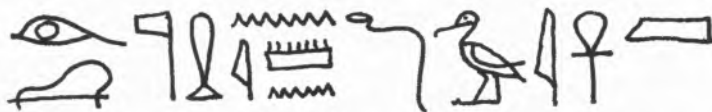
Cronologia: Época Baixa (séculos VII-IV a. C.)

49 – Estatueta funerária de Djedtotiuefankh

Estatueta funerária (chauabti) de faiança verde, feita para um sacerdote chamado Djedtotiuefankh (isto é, «Tot diz que ele está vivo»), que viveu no século X a. C. A peça, com o revestimento muito erodido, já não tem cabeça, e está partida na zona dos tornozelos tendo sido colada. As mãos, unidas à frente, seguram os habituais alviões, pintados a preto. Atrás tem um cesto de rede também pintado a preto.

A boa coleção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia possui duas estatuetas feitas para esta personagem que, felizmente, estão intactas, podendo por isso apreciar-se os traços do rosto bem delineados a preto (olhos e sobrancelhas), e a fita no cabelo, atada atrás, como era típico na época.

Tanto os exemplares do Museu Nacional de Arqueologia como o chauabti que aqui apreciamos exibem uma inscrição hieroglífica frontal, pintada a preto, e que no final se apresenta incompleta na típica declaração de *maé-kheru* (justo de voz ou justificado):



Tradução: «Osíris, sacerdote de Amon, Djedtotiuefankh, justo (...)».

Dimensões: Alt.: 11,8 ; Larg.: 5,4 cm

Cronologia: Terceiro Período Intermediário (XXII dinastia?)

Um novo acervo privado: a colecção Manuel Rocha

Tomámos conhecimento, em Junho de 2003, de uma nova colecção privada que possui um único objecto: uma estatueta de bronze representando o deus Osíris. Trata-se da colecção Manuel Rocha, cuja peça isolada poderá ser, eventualmente, o princípio de um acervo destinado a crescer num futuro próximo.

O Dr. Manuel Rocha é filho do Engenheiro Manuel Rocha, grande investigador e impulsionador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Segundo informação do actual proprietário, trata-se de uma oferta feita ao Engenheiro Manuel Rocha aquando de uma sua passagem pelo Egipto.



Estatueta de Osíris
(colecção Manuel Rocha)

É uma pequena estatueta de bronze representando o deus da eternidade, com pátina que apresenta tons esverdeados e castanhos, parcialmente desaparecida, sobretudo no rosto, que se apresenta esborado. A pose é mumiforme, saindo do envoltório fúnebre as mãos que seguram os típicos ceptros da realeza, o *hekat* e o *nekhakha*.

Sobre a cabeça tem a típica coroa *atef*, composta pela alta coroa branca ladeada por plumas que assentam sobre a cornamenta retorcida. Na parte frontal da coroa, junto à testa, está uma pequena protuberância, muito erodida, que sugere a presença da cobra sagrada que, em estatuetas melhor conservadas, se vê a irromper em pose agressiva. A pequena figura parece exibir o chamado «sorriso saíta», característico da época em que foi produzido, embora, por defeito do material na zona dos lábios, ele se assemelhe agora a um deselegante esgar.

As costas apresentam uma esboçada anatomia, com duas fitas pendendo do pescoço. A base de madeira não é a original, nela entrando o espigão (com 1,3 cm).

Dimensões: Alt.: 6,5 cm; Larg.: 2,5 cm

Cronologia: Época Baixa ou período ptolemaico (séculos VII-III a. C.)

Outro novo acervo privado: a colecção Pedro Gonçalves Rodrigues

Uma estatueta funerária, provavelmente da Época Baixa, foi-nos dada a conhecer pelo Dr. Pedro Gonçalves Rodrigues, mestrando de História e Cultura Pré-Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A pequena peça apresenta-se já sem o seu característico revestimento brilhante, vendo-se apenas a pasta interna da figura.

Dimensões: Alt.: 6,5 cm; Larg.: 2,5 cm

Cronologia: Época Baixa (séculos VII-IV a. C.)

O escaravelho de Mário Jorge Barroca

Durante a fase de publicação do pequeno acervo egíptológico da colecção Luís Teixeira da Mota (que saíria em *In Memoriam Carlos Alberto Ferreira de Almeida*, I, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1999, pp. 117-124), tomámos conhecimento, pelo próprio proprietário, da existência de um pequeno escaravelho que foi adquirido num antiquário de Londres. Agradecemos ao Doutor Mário Jorge Barroca, docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o envio dos decalques e do croquis que permitiram a leitura dos signos hieroglíficos presentes na base do objecto. Trata-se de um conjunto de

signos que, como é habitual nestes casos, tem uma evidente carga profiláctica, mostrando um falcão coroadado (aparentemente com a coroa dupla do Alto e Baixo Egípto), postado sobre um signo *neb* (*nb*) que alude à totalidade e à posse, ladeado por duas serpentes de pescoço tumefacto, a serpente sagrada *iaet* (*uraeus*).

Dimensões: Comp.: 1,6 cm; Larg.: 1,1 cm
Cronologia: Época Baixa (séculos VII-IV a. C.)



Inscrição na base do escaravelho